

XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16ª Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O papel das formas autonomizadas no processo de acumulação de capital

The fuction of autonomized forms in the process of capital accumulaton

Jackson Rayron Monteiro; Professor do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Regional do Cariri (URCA); jackson.monteiro@ur

Vinícius Nunes de Oliveira; Estudante do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Regional do Cariri (URCA); vinicius.nunes@urca.brca.br

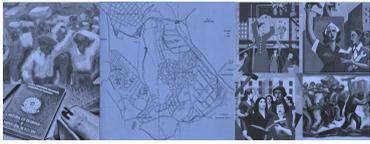
Isac Rodrigues Pereira; Estudante do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Regional do Cariri (URCA); isac.rodrigues@urca.br

RESUMO: O presente artigo analisa os fatores que, no processo de produção do capital, levam a sua autonomização. Discorre-se sobre valor e o papel da mais-valia e sua importância vital para a realização do sistema capitalista e na autonomização do capital, assim como contribui para a acumulação de capital por parte dos industriais e dos detentores de capital. Também analisa como se dão esses processos e seus papéis no processo de acumulação do capital, passando pelo capital comercial, seguido pelo capital portador de juros e finalizando com o capital fictício. Por fim, analisa-se como esses processos de autonomização se entrelaçam e se complementam em um âmbito maior que compõem o ciclo do capital, contribuindo para a produção de mais mais-valia e, conseqüente, acumulação de capital.

Palavras-chave: Capital. Mais-valia. Autonomização. Marx.

ABSTRACT: This article analyzes the factors that, in the capital production process, lead to its automation. It discusses value and the role of surplus value and its vital importance for the realization of the capitalist system and in the automation of capital, as well as contributing to the accumulation of capital by industrialists and capital holders. It also analyzes how these processes occur and their roles in the process of capital accumulation, passing through commercial capital, followed by interest accumulating capital and ending with fictitious capital. Finally, it analyzes how these autonomization processes intertwine and complement each other in a larger scope that make up the capital cycle, contributing to the production of more money in addition to surplus value and consequent capital accumulation.

Keywords: Capital. Added value. Automation. Marx.



1 INTRODUÇÃO

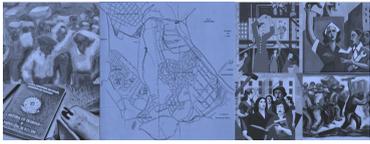
O capital tem um processo de produção e reprodução cujo principal objetivo é gerar lucro. Para isso, os meios de produção precisam agregar valor ao capital, como Coggiola coloca, “é necessário que o capital se reproduza e se expanda, não apenas através da reprodução simples, mas necessariamente como reprodução ampliada, como acumulação de valor e de mais-valia, como acumulação de capital” (COGGIOLA, 2009).

Tomando esta afirmação como base, o presente artigo tem por objetivo discutir sobre o papel das formas autonomizadas no processo de acumulação de capital, entendendo o conceito de valor e como a geração de valor nos diferentes segmentos do capital, como o capital comercial, o capital portador de juros e o capital fictício.

Para atingir estes objetivos, o presente artigo toma a pesquisa bibliográfica como base metodológica, buscando livros que debatem os pensamentos de Marx, assim como artigos e trabalhos de outros autores que estudam e debatem sobre a reprodução do capital e os diferentes tipos de capital que serão abordados: capital comercial, portador de juros e fictício.

2 FORMAS AUTONOMIZADAS NO PROCESSO DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

O processo de acumulação do capital se dá no próprio processo de geração da mais-valia, ou seja, na reprodução do capital na medida em que o capital busca ampliar a sua produtividade e assim gozar de mais-valor extra, ele a faz a partir do aumento de meios de produção que serão manipulados pela força de trabalho, pois o aumento da produtividade é o aumento de meios de produção operados pela mesma quantidade de trabalho. Sendo assim, o aumento da produtividade do capital também é o aumento da sua composição orgânica, aumento esse que se consolida com o processo de



acumulação, de concentração e centralização do capital (NETTO & BRAZ, 2006; MARX, 2013; COGGIOLA, 2021).

As formas autonomizadas desempenham um papel crucial no processo de acumulação do capital. A substantivação ou autonomização das formas do capital dizem respeito à própria necessidade que o capital tem de acelerar o seu tempo de rotação e assim ampliar as suas massa e taxa de lucro. Essas formas referem-se a mecanismos e relações que surgem dentro do sistema capitalista, nos quais certos aspectos do capital adquirem uma autonomia aparente, separando-se da base material e das relações sociais subjacentes.

Destarte, ao se autonomizar, o capital potencializa as suas contradições em dimensões cada vez mais abstratas, bem como consolida a possibilidade das crises cíclicas. Ribeiro (2008) citando Marx (2017), observa que a própria forma mercadoria enquanto unidade contraditória entre valor de uso e valor ensaia uma possibilidade formal da crise, já que ao penetrar a esfera da troca a mesma pode se realizar ou ter o seu valor de uso socialmente negado. Quando se autonomiza da mercadoria e garante o status de cristalização do valor, o dinheiro empurra para um nível superior a possibilidade da crise, pois agora a circulação de mercadorias composta pela unidade contraditória entre compra e venda, pode ser interrompida quando considerada a possibilidade de o dinheiro se autonomizar do processo de circulação. Enquanto meio de pagamento, o dinheiro – ao se autonomizar do processo de circulação das mercadorias – mais uma vez eleva a possibilidade de crises, pois aqui a circulação de mercadorias ocorre independente da presença do dinheiro real. Desta maneira, “se essa autonomia, porém, estende-se além de certos limites, a unidade prevalecerá contra ela, violentamente, por meio de uma crise” (RIBEIRO, 2008, p. 43). No entanto, essas duas formas de crise se encontram ainda em alto grau de abstração, e só passam à possibilidade real com o capital nas suas formas autonomizadas (RIBEIRO, 1988; 2008; MARX, 2017).

Uma forma autonomizada importante se dá através do dinheiro. No capitalismo, o dinheiro se torna uma entidade autônoma, capaz de circular e funcionar como um



meio de troca e medida de valor, permitindo a realização de transações comerciais, a conversão do valor das mercadorias em uma forma universalmente aceita e a reprodução da mais-valia.

Coggiola (2009) enfatiza que o modo de produção capitalista tem como objetivo “a produção de mais-valia para valorizar o capital, entendido como valor em processo, valor que procura se valorizar, valor que entra na circulação para se multiplicar e se acumular.” Portanto, a mais-valia representa o valor de trabalho não remunerado que se materializa em lucro para quem detém os meios de produção, logo o processo de produção capitalista é um processo de geração de mais-valor.

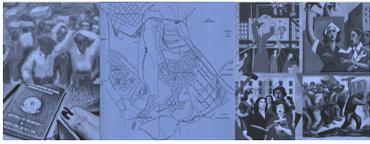
É importante notar que essas formas autonomizadas dos diversos tipos de capitais não são independentes das relações sociais e da base material subjacente. Embora possam adquirir uma aparência de autonomia, eles são inseparáveis do sistema capitalista em si e estão intrinsecamente ligadas à exploração da força de trabalho e à busca de lucro.

Portanto, pode-se afirmar que:

Quanto maiores forem a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. (MARX, 2013 p. 875).

Esse mecanismo do capital constitui a lei geral da acumulação capitalista (NETTO & BRAZ, 2006; MARX, 2013; COGGIOLA, 2021).

2. 1 Capital Comercial



Como primeira forma de autonomização do capital, Marx (2017) apresenta no capítulo XVI do livro III o capital de comércio de mercadorias. O Capital Comercial é um conceito fundamental dentro da teoria econômica e financeira, que se refere aos recursos financeiros empregados na compra e venda de mercadorias com o objetivo de obter-se lucro, desempenhando um papel central nas atividades comerciais, permitindo a circulação e o crescimento da economia tendo como resultado último a aceleração do processo de rotação do capital, ampliando as suas possibilidades acumulação.

Tal capital se responsabilizará pela transformação do M' em D' do capital industrial – aqui considerado como o capital produtor de valor e mais-valor. Desse modo, ao adquirir a produção M' do capital industrial, o capital de comércio de mercadorias tem como funcionalidade acelerar o tempo necessário de rotação daquele capital industrial, ficando por sua conta a última fase de circulação das mercadorias.

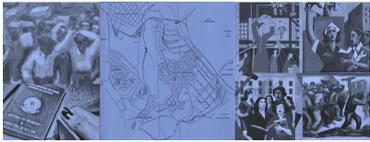
Como consequência dessa autonomização, o capital de comércio de mercadorias se insere na sociedade a partir do seguinte ciclo:

$$D - M - D'$$

Onde o “D” é o capital necessário para aquisição das mercadorias (M) do capital industrial que tem como o fim o “D'” “acrescido de valor valorizado.

É composto por três elementos principais: estoque, crédito e dinheiro. O estoque representa as mercadorias que estão disponíveis para a venda; o crédito refere-se às transações comerciais em que os vendedores fornecem mercadorias aos compradores antes do pagamento — permitindo que estes últimos adquiram bens e serviços com base em sua capacidade futura de pagamento; e o dinheiro, por sua vez, sendo uma expressão autônoma de uma soma de valor, é o meio de troca utilizado nas atividades comerciais (MÜLLER & PAULANI, 2012).

O capital comercial, por fim, numa relação simbiótica, depende do capital portador de juros para expandir suas operações e viabilizar transações comerciais, enquanto o capital portador de juros encontra oportunidades de lucro ao disponibilizar recursos financeiros para os agentes comerciais.

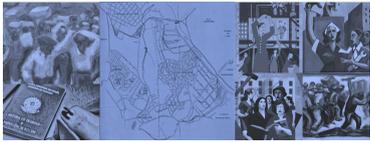


**XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16ª Conferência
Internacional de História de Empresas**

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



**ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA**



2. 2 Capital Portador de Juros

Quando a forma autonomizada de capital percorre não só a primeira parte circulação, mas o processo inteiro do capital, ela deixa de ser capital de comércio de dinheiro e passa a ser um capital portador juros, a mercadoria-capital que tem a seguinte forma de inserção:

$$D - D - M \dots P \dots M' - D' - D'$$

Onde o primeiro “D” e o último “ D’ ” são de propriedade desse capital portador de juros.

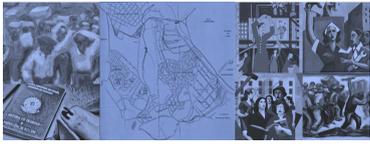
O termo “capital portador de juros” refere-se ao capital utilizado para investir em ativos financeiros (depósitos em contas bancárias, títulos de dívida, empréstimos e afins) que geram rendimentos na forma de juros ao longo do tempo, escondendo o processo social real de produção de riqueza material, formando-se de maneira ilusória e alienada, pois oculta a exploração do trabalho alheio, dificultando para a classe trabalhadora perceber a necessidade de se opor à ordem burguesa (SILVA, 2012).

Aqui, os juros aparecem como o preço desse capital que é emprestado e que deve ser pago pelo capital industrial ao capitalista dono da mercadoria-capital em detrimento do mais-valor produzido e realizado pelo capital produtor.

Para a economia, tal capital mobiliza recursos para investimentos produtivos, fornecendo uma fonte de financiamento para empresas, governos e indivíduos, impulsionando o crescimento econômico e estimulando a atividade empresarial. Destaca-se também que a ideia de que o retorno sobre o capital, tende a superar o crescimento econômico, o que pode levar a um aumento na concentração de riqueza nas mãos de poucos.

Dessa forma:

O desenvolvimento do sistema de crédito e o fato de que, em razão desse desenvolvimento e pela mediação dos banqueiros, os industriais e os comerciantes dispõem cada vez mais de todas as poupanças de todas as



classes da sociedade, assim como o fato da concentração progressiva dessas poupanças em quantidades nas quais elas podem atuar como capital monetário, são fatores que necessariamente exercem uma pressão sobre a taxa de juros (MARX, 2017, p.437).

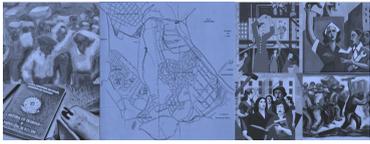
É recordado por Piketty (2014), então, que o capitalismo gera desigualdades insustentáveis quando a taxa de remuneração sobrepassa a de crescimento da produção e da renda, o que acaba por ameaçar os valores de meritocracia sobre os quais nossas organizações democráticas se baseiam, resultando na possibilidades das crises como sua síntese.

2.3 Capital Fictício

Desenvolvido por Marx, e como aponta Palludeto (2018), capital fictício é uma forma de capital que não possui uma substância material ou valor de uso real, sendo uma forma enraizada do capital portador de juros. É criado por meio de mecanismos financeiros e contábeis, transformando o fluxo de renda futuro em valores de capital presente.

Como toda propriedade que rende ao final de um ciclo uma quantidade qualquer de valor, a posse de tal rendimento pode ser passada para outros proprietários por meio da venda. Assim, o que se vende não é a propriedade, mas a promessa de rendimento daquela propriedade de capital. Nesse sentido, o rendimento – parte do mais-valor repartido com o capital portador de juros – passa a ser não o fim da acumulação, mas o início e razão de ser da acumulação futura. À essa forma de funcionamento de capital, trazendo o futuro para o presente, dá-se o nome de capital fictício.

A exemplo, no contexto do desenvolvimento do capitalismo monopolista, o capital fictício surge como uma das suas principais expressões: especulação financeira. As transações financeiras se tornam cada vez mais dissociadas da economia real, com investidores buscando ganhos rápidos por meio de negociações de ativos financeiros, como ações, títulos e derivativos. Essas operações financeiras visam lucrar com as



flutuações dos preços dos ativos, sem necessariamente criar valor real por meio da produção.

Há também instituições que desempenham uma função central na criação de capital fictício, fornecendo empréstimos e hipotecas. Esse sistema de crédito expande a quantidade de capital em circulação, permitindo que o capital fictício seja criado e negociado com base em expectativas de retorno futuro.

No entanto, o capital fictício também traz consigo alguns riscos. Sua valorização depende de expectativas e percepções de mercado, o que pode levar a bolhas especulativas e crises financeiras, o que pode promover colapsos financeiros que afetam não apenas o sistema financeiro, mas também a economia real.

Considerando enquanto formas substantivadas do capital o capital comercial (comércio de mercadorias e comércio de dinheiro), o capital portador de juros (portador da mercadoria - capital) e o capital fictício enquanto desdobramento do capital portador de juros, pode-se inferir que cada uma delas, dadas os seus mecanismos de funcionamento, aprofundam a possibilidade de crise a partir de dois desdobramentos ligados à natureza do capital: o primeiro se refere à ampliação da quantidade de capital-mercadoria lançada no mercado haja vista a participação do capital comercial enquanto comprador de mercadorias não para o consumo (esfera onde o

valor de uso se desfaz juntamente com o seu valor), mas para a venda. Assim, apesar de acelerar o processo de rotação do capital que se encontra na esfera produtiva, o que possibilita o aumento da taxa de mais-valia anual, o capital comercial amplia a possibilidade real das crises ao aumentar a quantidade de mercadorias em circulação o que, nada mais do que, separar no espaço e no tempo os atos de produção e realização do valor outrora produzido (RIBEIRO, 1988; 2008).

O segundo desdobramento subsidiado pelas formas autonomizadas diz respeito à ampliação da quantidade de capital-dinheiro à disposição dos capitalistas, tendo em vista que o mesmo se coloca à sociedade como capital portador de juros (mercadoria-capital), que por si só se inclui em um circuito próprio de valorização, e se desdobra, por intermédio do processo de capitalização, em capital fictício – onde o



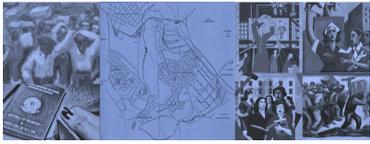
processo de construção de capital se dá a partir da comercialização dos rendimentos que qualquer fonte proporciona. Desse modo, à medida que o capital vai se afastando da esfera produtiva, onde efetivamente acontece a valorização do valor por intermédio da produção de mais-valia enquanto fim último de sua existência, as possibilidades das crises vão se colocando em determinações cada vez mais concretas ao se ampliar o descompasso entre a produção de capital e as suas condições de realização (BELLUZO, 1987).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Marx (2017) as formas autonomizadas do capital não se apresentam com um caráter maniqueísta, onde o capital industrial é funcional e as outras formas disfuncionais. As formas autonomizadas são para o próprio capital uma necessidade intrínseca que reduz o tempo de rotação do capital e que têm como única disfuncionalidade o aumento de setores na sociedade e a respectiva queda da taxa média de lucro.

”Pensar essa relação entre essência e aparência na sua unidade necessária significa olhar o mundo do capital da sua totalidade” (TEIXEIRA, 1995, p. 170). Assim, Observando em totalidade, percebe-se como as formas de automação estão, simbioticamente, entrelaçadas entre si, onde uma se desenvolve como uma extensão da outra. A partir de uma extensão do processo de automação do capital comercial é possível identificar o processo do capital acumulador de juros e, a partir da extensão deste, embasa-se a estrutura do capital fictício.

Por fim, esse processo entrelaçado de automação do capital pode e é utilizado pelos grandes capitalistas como forma de expandir ainda mais seu capital, pelas características que os mesmos possuem de aumentar o dinheiro além da mais-valia.



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COGGIOLA, Osvaldo Luis Angel. As crises econômicas e a teoria marxista. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 7, n. 3, 2009.

_____. **Teoria Econômica Marxista: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.

MARX, Karl. **O Capital: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **O capital-Livro 3: Crítica da economia política. Livro 3: O processo de circulação do capital**. Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O Capital: o processo global da produção capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2017

NETTO, J. P. BRAZ, M. **Economia Política: um introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

PALLUDETO, Alex Wilhans Antonio; ROSSI, Pedro. **O capital fictício: revisitando uma categoria controversa**. Instituto de Economia, UNICAMP, 2018.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Editora Intrínseca, 2014.

RIBEIRO, N. R. **A Acumulação do Capital no Brasil: expansão e crise**. Tese (Doutorado em Economia), Instituto Superior de Economia. Lisboa, p. 668. 1988.

_____. **A Crise Econômica: uma visão marxista**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

SILVA, Giselle Souza. Transferências de renda e monetização das políticas sociais: estratégia de captura do fundo público pelo capital portador de juros. **Financeirização, fundo público e política social**. São Paulo: Cortez, p. 209-240, 2012.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. **Pensando com Marx: uma leitura crítico-comentada de o capital**. São Paulo: Ensaio, 1995.